

# UMA GRAMÁTICA GERATIVO- TRANSFORMACIONAL DO TEXTO POÉTICO

CELSO PEDRO LUFT

A Lingüística moderna, em constante efervescência, vem trazendo vigorosos elementos de renovação para todos os campos das ciências humanas. Nada mais natural, pois a linguagem, objeto dessa ciência, está na raiz mesma de toda a atividade espiritual humana: a equação *homem — ser de razão* pode substituir-se por *homem — ser de linguagem*.

De maneira especial, ciências como a Antropologia (cf. Lévi-Strauss) e a Sociologia (cf. Sociolingüística), a Psicologia e a Psicanálise (cf. Foucault, Lacan), “têm muito a ganhar numa confrontação com os pontos de vista novos surgidos na disciplina piloto, a ciência da Linguagem” (Roubaud, *La Poétique, la mémoire*, 7).

Acima de tudo, naturalmente, os novos métodos lingüísticos, objetivos, rigorosos, técnicos, atingem os estudos gramaticais e literários; assim parece fadado a desaparecer por insatisfatório e desacreditado, o chamado impressionismo. As intepretações subjetivas e classificações empíricas vão cedendo lugar a um tratamento científico.

Uma nova análise da linguagem vem-se impondo desde o advento do estruturalismo, fundado nas teorias de Saussure (cursos de lingüística, 1906 a 1911), L. Bloomfield (*Language*, 1933), Trubetzkoy (*Principes de Phonologie*, 1949), L. Hjelmslev (*Prolégomènes à une théorie du langage*, 1943). Para a literatura, a teoria dos formalistas russos (entre 1915 e 1930), e a semiologia ou semiótica (Ch. Sanders Peirce, R. Barthes, J. Kristeva, A. J. Greimas).

Mais recentemente, uma nova teoria entrou em cena para revolucionar a lingüística moderna: a teoria gerativo-transformacional de Noas A. Chomsky (sobretudo após a publicação de *Syntactic Structures*, 1957). A mera descrição de estruturas manifestas é corrigida e enriquecida com o reconhecimento de estruturas latentes — profundas e superficiais —, que explicam aquelas como base e origem. Em lugar de um corpus de dados, todas as derivações possíveis de um mecanismo gerador; em lugar de produtos, a criatividade do falante.

E assim, a técnica descritivo-classificatória do primitivo estruturalismo — dito taxinômico — cede lugar a um procedimento dedutivo, heurístico, de real capacidade explicativa.

—:—

### A TEORIA GERATIVA E A LITERATURA

No estudo da linguagem comum, a nova teoria lingüística tem colhido excelentes resultados. Mas autoriza isso a presunção de que o mesmo venha a ocorrer na aplicação aos estudos da linguagem literária?

A utilização dessa teoria na análise de textos literários é recente demais, e por enquanto pouco exemplificativa, para se julgar da validade de uma teoria gerativo-transformacional da Literatura, o de uma crítica literária chomskiana.

Temos de convir que, mesmo na aplicação ao estudo da linguagem comum — a informativa ou referencial —, evidencia-se muita incerteza. A teoria é constantemente ampliada, reformulada, corrigida. Nem poderia ser de outra forma, dada a complexidade do objeto e a novidade do método. Mas, se assim é para a linguagem cotidiana, que dirá para a linguagem da arte?

Muitos nem sequer acreditam na viabilidade de um tratamento científico — qualquer que seja a orientação — da linguagem literária. E, quanto a uma possível teoria gerativo-transformacional da literatura, é bem conhecido o fato de que o próprio Chomsky e numerosos representantes da sua escola se têm mostrado reticentes quanto a uma possível aplicação da teoria num terreno que reconhecem não ser o da sua especialidade (Roubaud, *ibid.*, 8).

—:—

### ALGUMAS TENTATIVAS

Todavia, no decorrer dos últimos dez anos, diversas experiências foram feitas. Desde a simples e meramente explicativa aplica-

ção de noções de gramática transformacional à interpretação de peculiaridades de estilo (Ohmann, 1964, 1966), à explicação da metáfora como transgressão de regras seletivas do léxico (Thorne, 1965), até o tratamento e interpretação estrutural dos textos literários na linha do transformacionalismo russo de S. K. Saumjan (*La méthode transformationnelle dans la linguistique structurale*, Moscou, 1964) por Julia Kristeva (1968, 1969, etc.), até a construção de pequenas gramáticas geradoras de texto, à imitação das gramáticas gerativas de frase, de fundamentação chomskiana.

—:—

### GRAMÁTICAS GERATIVAS DO TEXTO POÉTICO

Assim,

(1) *Morris Halle e Samuel J. Keyser* (1966; v. a crítica de Standop 1972) construíram uma gramática gerativa do metro jâmbico de Chaucer, onde o verso é interpretado como uma estrutura superficial, rítmico-acentual derivada, por uma série de transformações, de uma correspondente estrutura profunda de posições acentuado /a/ vs não-acentuado /n/ ):

n	a	n	a	n	a	n	a	n	a
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10.

(2) *Manfred Bierwisch* (1965) elaborou um sistema de re-gramática —G), que tem como entrada o símbolo Frase (F) e como saída o conjunto de frases ( $F_1, \dots, F_n$ ) geradas por esse sistema,

e que fixa as relações existentes entre as seqüências de palavras e fonemas; o conjunto de categorias e relações em jogo nas frases permite uma descrição estrutural. Componentes desse sistema: sintaxe, semântica, fonologia. Tudo, como se vê, pelo modelo chomskiano. A este, porém, Bierwisch acrescenta um sistema secundário, poético, com uma escala de valores explicitando as seqüências geradas como poéticas e não-poéticas e as irregularidades gramaticais que constituem regularidade poética (esta podendo ser desobservada por novas irregularidades), etc.

(3) Para a análise de um poema de Jacques Roubaud, *Teun A. Van Dijk* (1972) elaborou uma teoria explícita do texto poético. A parte formal dessa teoria é uma gramática gerativa textual (v. anexo) sistema finito de regras que especificam a descrição estrutural de um número infinito de poemas possíveis: um conjunto de regras semântico-lógicas gera a estrutura profunda do texto; a seguir, um conjunto de regras transformacionais deriva, dessa estrutura profunda, a estrutura superficial; estruturadores de diversos níveis (sintático, semântico, fonológico, gráfico), definem a "coerência" textual e as correlações especificamente literárias do texto.

A idéia de construir gramáticas do texto literário procede, naturalmente, da analogia com o tratamento que a teoria gerativo-transformacional dá à linguagem comum. Na raiz de toda frase comum está uma "gramática" — sistema de regras interiorizado pelos falantes. Da mesma forma, uma gramática deve estar na origem de todo texto literário. A linguagem comum é uma "performance" que supõe uma "competência" lingüística; assim, a linguagem literária supõe uma "competência" literária. As frases comuns que lemos ou ouvimos são a exteriorização de estruturas latentes, superficiais e profundas, estas originando aquelas mediante transformações. Semelhantemente, os textos literários devem ser o estágio último de estruturas também latentes, profundas e superficiais, derivadas estas daquelas por meio de transformações, estéticas e estilísticas, além das comuns.

À ciência lingüística cabe explicitar a competência lingüística dos falantes, através dum modelo gerador chamado "gramática" — sistema finito de regras que gera todas as frases possíveis; analogamente, deve a ciência literária (se se pretende "ciência"), construir a sua gramática, um sistema de regras que gere todos os textos literários possíveis.

—:—:—

### ALGUNS PROBLEMAS

Naturalmente, não se trata de mera transferência da gramática da linguagem corrente à literatura. A aplicação da teoria chomskiana levanta uma série de problemas.

(1) Uma gramática gerativo-transformacional como a que apresenta Chomsky é um sistema gerador de frases, ao passo que uma gramática do texto deverá gerar estruturas transfrásicas, desde poemas líricos — microestruturas — até peças teatrais, poemas, épicos, romances — macroestruturas. É verdade que se pode, com Katz e Fodor (*The structure of a semantic theory, Language*, 39, 1963, 170-210), ver no texto uma longa frase — construção complexa de frases simples mediante processos de coordenação e subordinação. Melhor tomar o texto como axioma, símbolo inicial de uma tal gramática, que terá na frase um texto mínimo; assim, uma teoria do texto inclui a gramática da frase (Van Dijk, 1, 82-3).

(2) A gramática gerativa tampouco está em condições, por ora, de explicitar as regras que estruturam a longa "frase" do texto como um todo coerente, diferenciando-o de um amontoado de palavras ou orações. Somente com a formalização adequada de uma semântica estrutura haverá meios de medir a coerência textual. A adesão e concatenação das partes não se estabelece apenas com co-

netivos e pronomes, mas também, e primordialmente, ao nível dos traços semânticos mínimos (por exemplo, ao nível dos traços semânticos que Van Dijk chama: *semas temáticos* do texto. Van Dijk, 198 ss.).

Para assinalar essa condição básica de coerência, Van Dijk introduz na regra inicial de sua gramática (cf. anexo) o que ele chama de *estruturador*, o qual, por operar em vários níveis do texto, é reescrito como estruturador sintático, sêmico, fônico, gráfico.

(3) A gramática gerativa comum bloqueia tudo o que é agramatical, não sendo, pois, adequada ao texto literário, que frequentemente inclui desvios gramaticais. Uma gramática do texto literário há de incluir regras que gerem determinados desvios de efeito poético. Dos erros da gramática é preciso partir para uma gramática de erros expressivos.

Na gramática de Van Dijk (ver anexo) tais regras vêm assinaladas com o convencional asterisco das estruturas agramaticais.

Em Bierwosch, irregularidades gramaticais (IG) de caráter sistemático se tornam regularidades poéticas (RP), com a transgressão destas fazendo surgir novas regularidades (RP') e assim sucessivamente, numa diacronia poética. É preciso lembrar que tais irregularidades podem ser lingüísticas (contra o sistema gramatical) ou literárias (contra convenções de gênero, métrica, etc.).

Aparentemente, a gramática da linguagem literária se caracteriza pela amplitude das regras. Ela aproveita o amplo esquema da língua — sistema aberto de potencialidade, em contraste com o sistema normalizador (norma), delimitado pelos usos comunitários. Em autores mais recentes (como Guimarães Rosa) até esquemas lingüísticos outros são aproveitados. A palavra poética é essencialmente a palavra livre: suas restrições são a própria poesia. Assim, a linguagem literária, e a linguagem criativa em geral, têm como limite extremo a faculdade humana de comunicação verbal.

(4) A preocupação de uma gramática do texto poético (mesmo na acepção genérica de "literário") não é, como para uma gramática gerativa comum, a determinação do que é gramatical ou não-gramatical, mas o que é poético e não-poético; isto é, sua tarefa essencial é a determinação da poeticidade textual.

E, assim como há *graus de gramaticalidade*, na base do número e importância das regras em jogo, assim também — isso sabem os poetas e os consumidores de poesia — há *graus de poeticidade*; portanto, só será adequada aquela gramática que disponha de uma escala de poeticidade.

Eis um requisito da gramática do texto poético, nada fácil de preencher. Ainda mais, considerando-se as características de relatividade, dado que o poético de certa forma pode variar de receptor para receptor (leitor, ouvinte), de época para época (alguns textos ganham com o tempo, outros desmerecem — o problema da diacronia poética) — se bem que isso possa ser considerado apenas questão de "performance".

Chegamos assim ao ponto crucial do problema: a gramática de que estamos falando deve gerar textos poéticos — nada mais, nada menos, que *todos* os textos poéticos possíveis numa determinada língua. Assim como a gramática gerativa comum deve gerar as frases “corretas” da língua — *todas*, nem mais, nem menos.

A gramática comum deve espelhar a competência lingüística do falante nativo fluente. A gramática do texto poético, essa deverá espalhar a *competência poética* dos poetas, mesmo no sentido amplo de “poeticidade” = “literariedade”.

A intuição do falante nativo é, segundo a teoria chomskiana, o árbitro da “correção” das frases; semelhantemente, o árbitro da “poeticidade” é a intuição do poeta.

E a competência para construir uma gramática gerativa é uma competência dupla: a da linguagem a gramatizar, mais a respectiva metalinguagem; ou seja, a intuição do falante nativo mais uma técnica lingüística. Analogamente, presume-se também dupla a competência para escrever uma gramática gerativa do texto poético: competência poética (intuição) mais a competência metalingüística (técnica lingüística).

Estou dizendo, em outros termos, que somente “doublés” de poeta e lingüista teriam competência para escrever gramáticas do texto poético.

Pode-se objetar que também seria possível escrever gramáticas baseadas na observação do texto poético. Mas, nesse caso, estaríamos regressando à lingüística do corpus, com gramáticas de geratividade finita, em lugar da verdadeira gramática chomskiana — sistema de regras finitas de geratividade infinita.

—:—:—

## CONCLUSÃO

Uma gramática gerativa de texto poético deve, pois, ser o espelho da competência poética dos poetas (com perdão da redundância). Deverá gerar todos os textos poéticos da língua, bloqueando os não-poéticos. Está claro que um tal modelo gerador e, por enquanto, apenas distante sonho. Mas, supô-lo realidade um dia, é supor também a possibilidade de computadores ou robôs geradores de textos poéticos. Plenamente especificadas as regras finitas dessa geração, qualquer manipulador da “gramática” — inclusive máquinas *ad hoc* — poderá a gerar quantos poemas quiser — infinitos em número e extensão, com restrições unicamente ao nível da performance.

As dificuldades para constituição duma gramática gerativo-transformacional do texto poético parecem, ao menos por hoje, insuperáveis.

Mas temos que convir que poesia se faz com palavras, literatura se faz com palavras, poesia é linguagem, e “tudo que é do domínio da linguagem é lingüístico, isto é, possui uma estrutura lingüística idêntica ou comparável, e se manifesta graças ao estabelecimento de conexões lingüísticas determináveis e, em larga medida, determinadas. Chegaríamos talvez as “desmistificar” à custa disso o mito analógico moderno segundo o qual há na linguagem zonas de mistério e zonas de clareza” (A. J. Greimas, *Semântica estrutural*, p. 79).

Sim, “a poesia é uma linguagem, ou, para ser mais preciso, situa-se dentro da linguagem” (id., *ibid.*, p. 80), objeto, portanto, da Lingüística.

Se pensarmos que, até agora, nem a competência de fazer frases comuns está plenamente explicitada, melhor compreenderemos o longo caminho que deverá percorrer uma Lingüística do Poético.

—:—:—

## BIBLIOGRAFIA

- BEAVER, J. C. *A grammar of prosody. College English*, 29: 310-21, 1968.
- BIERWISCH, Manfred. *Poetik und Linguistik*. (a) *Sprache im technischen Zeitalter*, 15: 1258-73. (b) KREUZER, H. & GUNZENHAUSER, Rul, ed. *Mathematik und Dichtung*. München, 1967. p. 49-65.
- CHOMSKY, Noam A. *Syntactic structures*. La Haye, 1957.
- Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachussets, 1965.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1973.
- HALLE, Morris & KEYSER, Samuel J. *Chaucer and the study of prosody. College English*, 27: 187-219, 1966.
- KAEMMERLING, Ekkat. *Die Irregulartät der Regularität der Irregularität. Kritik der Linguistischen Poetik. Linguistische Berichte*, 19: 74-7. 1972.
- KRISTEVA, Julia. *Problèmes de la structuration du texte*. In.: FOUCAULT Michel et alii. *Théorie d'ensemble*. Paris, Ed. Du Seuil, 1968, p. 297-316.
- \_\_\_\_\_. *Quelques problèmes de sémiotique littéraire à propos d'un texte de Mallarmé: Un coup de dés*, 1969. In.: GREIMAS, A. J. et alii. *Essais de sémiotique poétique*. Paris, Larousse, 1972, p. 208-32.
- OHMANN, Richard. *Generative grammars and the concept of literary style. Word*, 20: 423-39, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Literature as sentences. College English*, 27: 261-7, 1966.
- ROUBAUD, Jacques. *Quelques thèses sur la Poétique*. In. ROU-

- BAUD, Jacques et alii. *La poétique, la mémoire*. Paris, Ed. du Seuil, s. d., p.
- STANDOP, E. Die Metrik auf Abwegen. Eine Kritik der Halle-Keyser Theorie. *Linguistische Berichte*, 19: 1-19, 1972.
- THORNE, J. P. Stylistics and generative grammars. *Journal of Linguistics*, 1: 49-59, 1965.
- Generative grammar and stylistic analysis. In LYONS, John, ed. *New horizons in linguistics*. Penguin Books, 1971. p. 195-97.
- VAN DIJK, Teun A. Aspects d'une théorie générative du texte poétique. In GREIMAS, A. J. et alii. *Essais de sémiotique poétique*. Paris Larousse, 1972. p. 180-206.

## ANEXO

Transcrevo aqui, com breves esclarecimentos, a amostragem de regras de uma possível GRAMÁTICA GERATIVA DO TEXTO apresentada por T. A. Van Dijk no artigo citado na Bibliografia.

— Algumas regras gerais:

- |                                                                               |                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. $\#T\# \rightarrow PP_1, P_2, \dots, P_n$                                  | Texto reescrito como conjunto de frases (propositions).                                    |
| 2. $\#P\# \rightarrow SN \text{ SPred}$                                       | Frase — sintagma nominal mais sint. predicativo.                                           |
| 3. $\# \sum_n P_n \# \rightarrow (SN \text{ SPred})_n$                        | Regra de escrita para um conjunto de frases.                                               |
| 4. $\#P_i\# \rightarrow SN \text{ SPred}$                                     | Reescrita de não importa qual frase do <i>texto infinito</i> que é a língua.               |
| 5. $P \rightarrow * SN$                                                       | Regra <i>ad hoc</i> para casos em que a frase só tem o 1.º constituinte.                   |
| 6. $P \rightarrow SN \text{ SPred}$<br>$S \text{ Pred} \rightarrow \emptyset$ | Outra interpretação transformacional da regra anterior: supressão do sintagma predicativo. |

— Regras especiais, na aplicação a um poema de Jacques Roubaud:

- |                                                                                                                                                       |                                                                                                                                         |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 7. $\#T\# \rightarrow S / P_1, P_2, \dots, P_n$                                                                                                       | Acréscimo do estruturador de texto (S) à regra 1.                                                                                       |
| 8. $S \rightarrow S_f$<br>$S_f \rightarrow S_{sem}$<br>$S_{sem} \rightarrow S_{sint}$                                                                 | Reescrita do estruturador como estruturador fônico, sêmico, sintático.                                                                  |
| 9. $P \rightarrow S' / SN \text{ SPred}$                                                                                                              | Regra do estruturador "local".                                                                                                          |
| 10. $S'_f \rightarrow$<br>vogal<br>fechada<br>aguda<br>(arredondada)<br>(não-arredondada)                                                             | Exemplo de regra de estruturador local fônico,, que rege a aliteração em: "si dans le cube pur de la nuit je distingue..."              |
| 11. $\dots \rightarrow$<br>$SN \rightarrow Prep \text{ SN}$<br>$SN \rightarrow S'_f / N \text{ Adj}$<br>$N \rightarrow cube$<br>$Adj \rightarrow pur$ | Estruturador fônico condicionando a escolha lexical: nome e adjetivo com o mesmo fonema (vocálico: /y/ u).                              |
| 12. $S_{graf} \rightarrow // 4_2, 3_2 // \dots$                                                                                                       | Regrado estruturador gráfico do soneto: 2 quadras, 2 tercetos.                                                                          |
| 13. $S_{sint} \rightarrow NEG/SN \text{ SPRED}$                                                                                                       | Reescrita (parcial) para a repetição de elementos negativos: "je ne vois plus le soleil ni l'eau ni l'herbe" etc.                       |
| 14. Não é regra.                                                                                                                                      |                                                                                                                                         |
| 15. $P \rightarrow SN \text{ SPred}$<br>$S \text{ Pred} \rightarrow Aux \text{ V} \text{ PP}$ (part. pass.)<br>$Aux \rightarrow * \emptyset$          | Regras para derivar sintagma predicativo sem auxiliar: "soleils reveillés" ( $\leftarrow$ sont reveillés).                              |
| 16. $S_{sem} \rightarrow$<br>Luminosid. vs obsc. /<br>:<br>:<br>:                                                                                     | Regra de estruturador semântico que condiciona a inserção lexical: palavras que contenham os semas indicados c o n s tituindo isotopia. |